

# A estranha coabitação

Peace  
Process

N. 3/3/92

por Luís José Loforte

Num encontro casual, em plena Lisboa, com um moçambicano, meu amigo, que acompanha as longas, exasperantes e estranhas conversações de paz em Roma, mais me não importou, porque me pareceu, ele, visivelmente bem de saúde do que indagá-lo sobre a saúde das conversações que decorrem na pátria de Mussolini, cujo período de gestação vai mais longo que o do elefante. O rapaz sorriu, embarçado, recendo que eu talvez estivesse na via da descodificação do que lhe ia no íntimo. A nossa amizade prevaleceu e lá me abriu o jogo, em palavras simples:

— Olha, Luís, os negociadores deviam compreender que a brincadeira já perdeu toda a plada!

Mais não disse o meu amigo. Mas também de pouco mais precisel porque fora suficientemente claro.

Passados dois meses sobre aquele encontro fortuito, estou na provincia de Gaza, em Xai-Xai, contemplando o sol que se esconde no horizonte longínquo que só o rico e inexplorado vale do Limpopo lhe testemunha o labirinto. Vejo gente que caminha, consciente de que tem de andar mais depressa, com parcos haveres, em direcção à cidade da luz artificial, para partilhar, na promiscuidade imposta, varandas de cantinas com companheiros do degredo vespertino. Amarram-se à ilharga os cabritos e pequenos bois que consegue ainda arrastar para o único local em que a morte não consegue ainda espreitar. As coisas mais pesadas, ao que nos dizem eles, enterraram-nas algures, para as recuperar, se entretanto ninguém viu o carreiro, no dia seguinte. Abandonando, ao cair da tarde, as terras de Chikhumbane e de Chongoene, em direcção à cidade, o pobre camponês vislumbra, comentando com escárnio sobre os complexos industriais, turísticos e comerciais com que os responsáveis, vivendo em Maputo, preparam o seu futuro na terra de seus antepassados. Admiravelmente, aqueles camponeses balbuçiam os nomes dos proprietários... com propriedade de quem mesmo conhece os futuros usufrutuários daquelas fontes de dinheiro, que se preparam em tempos difíceis de uma guerra sem memória neste período. Não sei se aquela gente terá ouvido a Rádio Moçambique noticiar, pouco depois, que as conversações estão envoltas num fumo de incertezas quanto ao seu desfecho final ou se, ouvido o noticiário, não terá pensado que o ponto de discórdia não terá representando uma ocasião mais para os negociadores demonstrarem o seu egoísmo e a sua indiferença em relação ao sofrimento indescritível de um povo. É que, também eu, não encontro outras

razões para explicar os sucessivos adiantamentos de uma paz por que todos ansiamos. E as provas dessa indiferença temo-las aqui mesmo às portas da nossa capital, mostrando que o quadro da realidade política de hoje assume ou começa a assumir outros e perigosos contornos. Enquanto um dos contendores, por estratégia de luta política, mata e destrói os homens e a terra, dilacera a economia e perverte os valores sociais de um povo, o outro não paga sequer o salário ao soldado, não lhe abastece de víveres, impele-o a proceder do mesmo modo que o seu oponente militar, matando e assaltando a população para a sua própria subsistência. Mas isso foi «ontem», porque «hoje», aqui mesmo nas Mahotas, chegou-se ao cúmulo de um regimento avisar a população para dormir tranquila na noite que se aproximava, porque seriam testados novos armamentos, quando, na realidade, os alvos seriam as vidas dos moradores do bairro. Estranhamente, apesar de denunciado com frontalidade pela informação, ninguém se demite e ninguém demite ninguém e ninguém responde a nada. É aqui, de facto, onde o impasse das negociações ou as razões do seu impasse propiciam a fortes contestações:

A poucos metros da sede oficial do governo central, um representante político da Renamo reconhece, com pormenores, massacres perpetrados contra a população, contestando apenas alguns números, confirma mesmo incursões mortíferas entre inocentes nos chamados corredores da Beira e do Limpopo, o que quer dizer que está perfeitamente a par dessas acções;

Em Roma, os dois contendores recriminam-se vivendo paredes meias. Dão corridinhas pelos principais centros urbanos europeus, indiferentes ao sofrimento de milhão de almas. Eles, que buscam a paz para o país mais pobre do Mundo, resguardam-se do Inverno Inclemente no aconchego de aparatosos hotéis, utilizando brancos de países mais ricos do Mundo como moços de recados dos seus pontos de vista sobre a paz que dizem buscar sem descanso para o seu povo. Aqueles moços brancos, no entanto, é o vê se te avias na partilha sem controlo da riqueza dos moçambicanos. Em resumo, os contendores vivem juntos em Maputo, vivem juntos em Roma, e, para enganar os seus compatriotas, eles dizem agora que vão adiantando os outros pontos enquanto o anterior fica em banho-maria. É uma cena que se compara a um par de namorados que se recusa a celebrar o casamento admitindo, no entanto, a coabitação. Só que no caso concreto destes «namorados» moçambicanos, a sua coabitação é verdadeiramente estranha e perigosa.